

A lista de palavras Cayapó do Sul anotada por Nehring

(The Word list of South Cayapo registred by Nehring)

Eduardo Alves Vasconcelos¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

dudualves@gmail.com

Abstract: The existing linguistic records of South Cayapó are lists of words, most with fewer than one hundred words, written by naturalists and curious who had contact with this group in the nineteenth century. This study focuses on the record held by Nehring, a German pharmacist who settled in Piracicaba (SP), and sent Paul Ehrenreich a list of 39 words in this language. According to Ehrenreich, this is a list of South Cayapó from Santana do Paranaíba, a village located in the province of Mato Grosso, on the edges of Paranaíba River, near the mouth of Aporé River. Considering the spelling used to record and the origin of its recorder, I raise hypotheses about the sound value of the spelling of the word list. I transliterated the record to the International Phonetic Alphabet (IPA) in order to show which phonological processes occur in this language. In an attempt to extract from the list all possible linguistic information, I identify even preliminarily, morphological information restricted to belongings names.

Keywords: South Cayapó; Word List; Nehring; Jê Languages.

Resumo: Os registros linguísticos existentes do Cayapó do Sul são listas de palavras, a maioria com menos de cem palavras, anotadas por naturalistas e curiosos que tiveram contato com esse grupo no século XIX. Neste estudo foco a atenção no registro realizado por Nehring, farmacêutico alemão, que se fixou em Piracicaba (SP), e que enviou a Paul Ehrenreich uma lista de 39 palavras dessa língua. Segundo Ehrenreich, trata-se de uma lista dos Cayapó do Sul de Santana do Paranaíba, vila localizada na então província de Mato Grosso, às margens do Rio Paranaíba, próximo à foz do rio Aporé. Considerando a grafia utilizada no registro e a origem do seu anotador, busco neste estudo hipóteses a respeito do valor sonoro da ortografia utilizada nessa lista de palavras, translitero o registro para o alfabeto fonético internacional (IPA), tentando evidenciar que processos fonológicos ocorreriam nessa língua. Na tentativa de extrair da lista as informações linguísticas possíveis, identifico, mesmo que preliminarmente, informações morfológicas – neste caso – restritas a nomes possíveis.

Palavras-chave: Cayapó Do Sul; Lista de Palavras; Nehring; Línguas Jê.

Introdução

Os Cayapó do Sul foram um grupo indígena contatado no século XVIII nos sertões do Brasil central. O contato com os não-índios se deu inicialmente com os paulistas interessados no descimento de índios para servir de mão de obra nos recentes núcleos populacionais de São Paulo. No entanto, já na primeira metade desse mesmo século, suas terras eram invadidas pelos colonizadores interessados na exploração de metais preciosos. O contato com os Cayapó do Sul não teve caráter pacífico e houve conflitos intermitentes durante os séculos XVIII e XIX. Inicialmente eram expulsos de suas terras tradicionais para que fosse possível a exploração de minérios e, após o declínio dessa economia, eram expulsos para que possibilitasse o desenvolvimento das práticas agropastoris.¹ Por conta desse contato intermitente e violento, no início do século XX, os Cayapó do Sul foram

¹ Cf. Karasch (1998); Giralдин (1997); Ataídes (1998).

dados como extintos.²

São precárias as informações sobre a língua que esse grupo indígena falava: resumem-se a seis listas, cinco delas com menos de 100 palavras. Destas, duas foram anotadas no início do século XIX entre os Cayapó do Sul que estavam aldeados em São José das Mossâmedes, aldeamento próximo a Vila Boa (Goiás); outras duas foram anotadas na segunda metade deste mesmo século entre os Cayapó do Sul que mantinham aldeias próximas à Vila de Santana do Paranaíba (atual município de Paranaíba-MS). Há também uma lista de 1911, com cerca de 700 itens, anotada junto a um grupo familiar, remanescentes da Aldeia da Água Vermelha, no triângulo mineiro.³

Uma sexta lista é aquela da qual trata este estudo. Ela foi anotada por Nehring, boticário alemão que fixou residência em Piracicaba, interior de São Paulo. Não se sabe muito sobre essa lista e nem sobre seu anotador. Possivelmente na última ou penúltima década do século XIX, Nehring coligiu 39 palavras entre um grupo ou indivíduos Cayapó do Sul e enviou a Paul Ehrenreich, que a publicou em 1894, com demais listas de palavras de línguas indígenas brasileiras, no periódico “*Zeitschrift für Ethnologie*, n. 26”.

Ehrenreich (1894), além da lista de Nehring (até então inédita), reproduz também a lista de Kupfer⁴ e a compilação de Martius.⁵ Sobre a lista Nehring informa somente que, tal como a lista de Kupfer, foi coligida entre índios da aldeia que estava nas proximidades de Santana do Paranaíba. Apesar da referência de Ehrenreich sobre a origem do registro, nada se sabe a respeito de como este foi realizado. Não há informação que Nehring tenha viajado para a vila de Santana e de lá tenha se dirigido para alguma aldeia. Uma possibilidade é que tal lista foi anotada entre os Cayapó do Sul que faziam transporte, como remadores, entre Piracicaba e outras vilas do interior paulista. Florence (1977) encontra em Porto Feliz (ponto de partida para descer o Tietê), no início do século XIX, “índios Caiapós, de ambos os sexos, mantidos em escravidão, entre eles alguns muito jovens”, o que, segundo Florence, “prova que esse bárbaro costume existia até há poucos anos”.⁶ Sobre os Cayapó do Sul, Ehrenreich traz as seguintes informações:

Destes [Cayapó do Sul] ainda hoje existe o de Sant’Anna do Parahyba, descripto por Kupfer. As famílias alli estabelecidas vêm várias vezes aos lugares de S. Paulo que lhe ficam mais próximos, especialmente Piracicaba e Botucatú, para permutar por mercadorias européas cestos e chapéus de palha que fabricam. (1892, p. 136)

² Cf. Schaden (1954), Nimuendajú (1952), Lowie (1946).

³ Para informações sobre as demais listas conferir Giralдин (1997) que reproduz as listas publicadas e acrescenta dois registros encontrados por ele no arquivo do IHGB. Conferir também Vasconcelos (2009a) – sobre a lista de Barbosa e Vasconcelos (2009b) – sobre as listas de São José de Mossâmedes.

⁴ Kupfer anotou uma lista de cerca de 60 palavras entre os Cayapó do Sul de Santana do Paranaíba, em viagem que fez pelo Brasil e a publicou em 1857 na “*Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*”, volume V.

⁵ Karl von Martius compilou, em 1867, no “*Glossarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os Indios no imperio do Brazil*” as listas que foram anotadas por Emmanuel Pohl e Auguste Saint-Hilaire.

⁶ Florence foi contratado como o segundo pintor da Expedição Langsdorff, que em 1826 partiu de Porto Feliz em direção a Cuiabá e norte do Brasil. O diário de Florence citado aqui é aquele escrito quando já estava residindo em Campinas (SP); os manuscritos são da segunda metade do século XIX, porém só foram publicados em 1977, pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP).

A lista: publicação e reprodução

Ehrenreich, em um mesmo número da “*Zeitschrift für Ethnologie*”, publicou e fez considerações sobre listas de palavras das línguas Karajá, Kayapó Setentrionais (Cradahō, Ušikrin) e Cayapó do Sul sob o rótulo “*Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens*”, dividido em três partes. Também como exposto, ao tratar sobre o Cayapó do Sul, ele reproduz, além da inédita lista de Nehring, as listas compiladas por Martius⁷ e a publicada por Kupfer. Até então aquelas eram as únicas listas de palavras Cayapó do Sul conhecidas. Considerando que tanto a lista de Nehring como a de Kupfer são da mesma região (Santana do Paranaíba), ele procura demonstrar as semelhanças entre esses registros e quais diferenças podem ser identificadas com a lista de Martius:

Ambos [os vocabulários de Nehring e Kupfer] concordam bastante um com o outro, mas afastam-se daquele de von Martius, especialmente na fonética. Assim, *r*, no dialeto de Santana do Paranaíba às vezes não ocorre ou realiza-se como *i* (*y*), e *š* suaviza-se em *z*. (EHRENREICH, 1894, p. 136)⁸

Ehrenreich não se detém na análise das listas, muito menos no estabelecimento de correspondências, acrescentando modestamente:

[...] deve ser feita uma comparação mais detalhada destes dialetos com outros registros e com os dialetos do Cayapó do Norte, como também, atentar-se com a ortografia de cada observador. Aqui apresento somente uma simples comunicação sobre estas listas de palavras. (EHRENREICH, 1894, p. 136)⁹

A referência à lista de Martius é importante, pois, tal como observa Christino (2006, p. 79), “os dados registrados por ele ainda serviam de baliza para a comunidade dos sul-americanistas,¹⁰ que sofria de uma falta crônica de fontes confiáveis”. Nesse caso referendava a lista anotada por Nehring como pertencente ao grupo Cayapó do Sul.

Para este estudo foi consultada a reprodução dessa lista de palavras em Giralдин (1996, 1997) e o número 26 da “*Zeitschrift für Ethnologie*”.¹¹ A transcrição publicada em Giralдин (1997, p. 183) tem as glosas traduzidas para o português e, apesar de esclarecer, em nota, que se tratava do “vocabulário transcrito tal como coletado por Nehring e publicado por Paul Ehrenreich”, há diferenças quanto à representação dos diacríticos. Ao registrar essa lista de palavras, Nehring optou pela ortografia alemã, com uma complexa distribuição

⁷ Mais detalhes sobre essa compilação e suas consequências para os estudos do Cayapó do Sul no século XX podem ser encontrados em Vasconcelos, 2009b.

⁸ Tradução livre de: “Beide stimmen ziemlich gut mit einander überein, weichen aber von der Martius’schen vielfach ab, insbesondere auch in der Lautlehre. So ist *r* in dem S. Annadialect vielfach ausgefallen oder zu *i* (*y*) geworden, *š* zu *z* erweicht.”

⁹ Tradução livre de: “Indessen ist zu einer eingehenden Vergleichung dieser Dialekte unter einander und mit denen der Nord-Cayapo das Material zu gering und die Schreibweise der Beobachter zu verschieden. Es möge daher die einfache Mittheilung der Wörter genügen.”

¹⁰ “[...] preferi utilizar o rótulo ‘sul-americanistas’ para referir-me a esses estudiosos [de línguas e culturas da América do sul], lançando mão da denominação generalizante e mais tradicional ‘americanistas’, apenas com relação a pesquisadores cujo objeto primordial de análise correspondia à etnografia e/ou à linguística de outras regiões do continente americano.” (CHRISTINO, 2006, p. 22)

¹¹ Disponível na Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

de diacríticos nas vogais, aparentemente marcando duração de vogal e/ou abertura de vogal e/ou sílaba acentuada. Nehring fez uso dos seguintes diacríticos: macro (˘), braquia (˜) e agudo (´). Em Giraldin, os macros e braquias são substituídos, indiscriminadamente, pelo til (˘) e nas vogais onde se combina mais de um diacrítico (macro e agudo ou braquia e agudo) ele mantém somente o agudo. Por isso, apesar de recorrer à tradução das glosas em Giraldin, analiso os vocábulos tal como reproduzidos em Ehrenreich (1894, p. 136-7).

Interpretando o registro: levantamento das possíveis correspondências sonoras

O registro realizado por Nehring, por conta do pequeno número de palavras, permite somente depreender algumas informações fonéticas e algumas suposições sobre o sistema fonológico da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul de Santana do Paranaíba. Para identificar essas informações tomarei por base procedimentos comuns aos estudos que se dedicam a interpretar transcrições não fonéticas de línguas indígenas. Um bom exemplo deste tipo de estudo é aquele realizado por Grannier Rodrigues (1990)¹² para o Guaraní Antigo,¹³ no qual, a partir do material produzido pelo Padre Ruiz de Montoya, ela busca identificar e analisar a fonologia desta língua. Nesse estudo, a autora esclarece:

Para obter-se uma aproximação da realidade fonética da língua foram considerados os seguintes tipos de evidência: (a) indicação explícita da natureza do som por Ruiz de Montoya; (b) o valor que tinham no Espanhol do século 17 as letras utilizadas na escrita do Guaraní; (c) particularidades da escrita do Espanhol de Ruiz de Montoya; (d) a ordenação alfabética do *Tesoro*; (e) a provável coerência do sistema fonológico do Guaraní; (f) alternâncias morfofonológicas do Guaraní; e (g) a situação correspondente em dialetos guaranis atuais. (GRANNIER RODRIGUES, 1990, p. 15)

Repito aqui as considerações de Araújo (1992, p. 20) a respeito do material disponível para a análise do Guaraní Antigo: “de fato, o material em que se baseou D. [Grannier] Rodrigues é evidentemente superior, tanto sob o aspecto quantitativo, quanto sob o aspecto qualitativo”.

Para aplicar estes procedimentos no material disponível faço as seguintes adaptações: (1) indicação explícita da natureza do som por Nehring; (2) o valor que tinham no alemão do fim do século XIX as letras utilizadas por Nehring; (3) particularidades adotadas no registro; (4) alternâncias morfofonológicas que o registro permite depreender; (5) correspondências em outros registros do Cayapó do Sul e (6) correspondências em línguas da família Jê.

Dos procedimentos apresentados por Grannier Rodrigues (1990), o item (d) não parece produtivo para a análise, porém as palavras na lista estão organizadas em conjuntos que são: partes do corpo, elementos da natureza, instrumentos, parentesco (ou mais precisamente homem, mulher, filho, velho e velha), animais e possíveis empréstimos¹⁴. Não é possível afirmar se esta organização foi realizada por Nehring ou por Ehrenreich.

¹² A dissertação foi defendida em 1974. Aqui utilizo a versão publicada em livro de 1990.

¹³ Araújo (1992), ao realizar análise do *Wörterbuch der botokudensprache* de Bruno Rudolph, esclarece: “na determinação dos procedimentos a serem adotados na análise [...], de grande auxílio foi o trabalho de D. [Grannier] Rodrigues (1974), que apresenta uma análise fonológica do Guaraní do século XVII, documentado pelo Padre Ruiz de Montoya” (ARAÚJO, 1992, p. 20).

¹⁴ Sobre a composição de vocabulários entre os sul-americanistas conferir Christino (2006).

Neste registro há somente uma indicação sobre (1) “natureza do som”. Para a palavra *inshǒ* ‘mata’ (*Wald*), acrescenta-se logo após: *weich* (“brando”). Nesta palavra há uma sequência pouco usada na grafia do alemão: *sh*, e que se repete somente em mais um dado *kūshhūǎ* ‘jabuti’.¹⁵ A observação sobre este registro não traz muitos esclarecimentos, pois não se sabe se (a) o som de *sh* é mais abrandado ou (b) *sh* deve ser pronunciado tal como a obstruinte contínua palatal em *weich* [vaiç]. Antes de propor uma interpretação é preciso levantar pelo menos mais uma possibilidade para a realização sonora desta sequência: (c) interpretar como uma obstruinte contínua alveolar (ou pós-alveolar) em *coda*, seguida de *h* em *onset* da sílaba seguinte: *ins.hǒ*, assim a informação mais brando seria somente para *s* com realização mais posterior. A hipótese (c) não se aplicaria assim à outra ocorrência, em que parece que a divisão silábica seria mais próxima de: *kūsh.hūǎ*. Na ortografia do alemão (2) encontramos para realização da obstruinte contínua alveolar o *sch*, *ch* e *sh*. Sendo que para este último o uso é restrito a início de poucas palavras.¹⁶ Adotando o procedimento (g) adaptado (5 e 6) temos os seguintes resultados: para ‘mata’ temos no registro do Cayapó do Sul em Pohl *inromú*, para o Xicrin *ba* e para o Xavante *marã*;¹⁷ enquanto para ‘jabuti’ Xicrin *kapran*, Xavante *u’a*, e na lista Cayapó do Sul de Barbosa (1911) encontramos ‘kagado’ *ksué*. Em Vasconcelos (2009a, p. 323): “a vogal central alta [i] é identificada nos seguintes casos: vocábulos grafados com *y* ou *ü*; e sequências *pt*, *kb*, *ks* e *kn* em início de palavras”. Assim, teríamos, transliterando para o IPA, [kɨswɛ]. Por fim, parece adequado, para o registro de Nehring, afirmar que *sh* trata-se necessariamente de um único som obstruinte contínuo, porém, não é possível afirmar que é somente uma variação de registro para [ʃ]. Seguindo o registro de Nehring, proponho a seguinte transliteração destes dois vocábulos para o IPA com uma ressalva para a representação desta obstruinte contínua, pois uma vez que ela não é identificável, insiro um símbolo *ad hoc*: š.

Nehring				
<i>sh</i>	[š]	<i>inshǒ</i>	[iʔšǒ]	‘floresta’
		<i>Kūshhūǎ</i>	[ku : šʰwǎ]	‘tartaruga’

Como no registro não há mais qualquer indicação a respeito da “natureza do som”, proponho, a seguir, hipóteses a respeito da realização desses sons baseado no valor que essas letras teriam no alemão do fim do século XIX.

As obstruintes descontínuas [p], [t] e [k] são representadas por *p*, *t* e *k*, respectivamente. Destas somente [t] ocorre em *coda*, já [p] e [k] formam *onset* complexo com [r]. Segue a transliteração para o IPA e as ocorrências no registro:

¹⁵ Em alemão *schildkröte* pode ser usado tanto para *tartaruga* como para *jabuti*.

¹⁶ Em Martens e Martens (1961) há somente quatro realizações para *sh* com valor de [ʃ].

¹⁷ Os dados do Xicrin são da dissertação de Lucivaldo Costa (2003), os dados do Xavante é de Hall, McLeod e Mitchel (1987).

Nehring	IPA			
<i>p</i>	[p]	<i>zapé</i>	[t͡sa'pe:]	'boca'
		<i>pūkūá</i>	[pũ'kwã]	'céu'
		<i>pūtūra</i>	[pu:tu:ra]	'lua'
		<i>epórá</i>	[e'põra]	'borduna'
		<i>kaputúŋ</i>	[kapu'tũŋ]	'velho'
		<i>nāpiá</i>	[na:'pjã]	'onça'
		<i>tapung pǎá</i>	[tapuŋ 'pjã]	'jacaré'
		<i>tápe</i>	['ta:pe]	'peixe'
<i>t</i>	[t]	<i>zutõ</i>	[t͡sutõ]	'língua'
		<i>zãtakríta</i>	[t͡sãta'kri:ta]	'perna'
		<i>pūtūra</i>	[pu:tu:ra]	'lua'
		<i>ançéti</i>	[ãšẽ'ti:]	'estrela'
		<i>atõma</i>	[a'to:ma]	'espingarda'
		<i>kaputúŋ</i>	[kapu'tũŋ]	'velho'
		<i>torritung</i>	[toɾi'tũŋ]	'velha'
		<i>tonjotto</i>	[tõŋõto]	'catitu'
		<i>tapung pǎá</i>	[tapuŋ 'pjã]	'jacaré'
		<i>krētõt</i>	[kre:tõt]	'sapo'
		<i>tápe</i>	['ta:pe]	'peixe'
<i>k</i>	[k]	<i>zãkrã</i>	[t͡sãkrã]	'nariz'
		<i>zukturé</i>	[t͡su'kre:]	'orelha'
		<i>zãtakríta</i>	[t͡sãta'kri:ta]	'perna'
		<i>zukiã</i>	[t͡sukjã]	'braço'
		<i>ĩking</i>	[i:kĩŋ]	'cabelo'
		<i>pūkūá</i>	[pũ'kwã]	'céu'
		<i>kaputúŋ</i>	[kapu'tũŋ]	'velho'
		<i>kūshhūá</i>	[ku:š'hwã]	'tartaruga'
<i>krētõt</i>	[kre:tõt]	'sapo'		

Para a sequência vogal-consoante / nasal-obstruinte / descontínua, postulo que os grafemas *m*, *n*, neste contexto, estejam marcando a nasalidade da vogal que a precede, seguindo assim o que Rodrigues (1999, p. 171) identifica como característica comum às línguas Jê e Macro-Jê: “presença de contraste fonológico entre vogais orais e nasais”.¹⁸ Considerando a existência desse contraste, proponho também que possa ocorrer na língua processo de nasalização de obstruintes descontínuas evidenciado pela ocorrência de grafema nasal precedendo o grafema da obstruinte descontínua. Considero relevante também, aqui, a observação de Rodrigues (1999, p. 171) de que “frequentemente é a vogal nasal que condiciona a variação das consoantes e não o contrário [em línguas Macro-Jê]”,¹⁹ bem como a descrição de processos semelhantes em línguas Jê e Macro-Jê (Kaingang, Apinajé, Kayapó, Maxacali, entre outras – cf. D'ANGELIS, 1998).

¹⁸ Tradução livre de: [...] *the presence of phonologically contrastive nasal vowel*.

¹⁹ Tradução livre de: *Often it is the nasal vowels that condition the variation of the consonants and not the reverse*.

As sequências encontradas são *mp*, *nt* e *nk*, seguidas por vogais. Para as duas primeiras a marcação é realizada por uma homorgânica, porém o mesmo não ocorre em *nk*. Para este último é importante a explicação de Martens e Martens (1961, p. 126) sobre a representação ortográfica de [ŋ]: “n em posição medial ou final de palavra antes de »k« , »x« e »qu«”.²⁰

Nehring				
<i>mp</i>	<i>impútě</i>	[ĩ ^ʔ mpu : tě]	‘sol’	
	<i>impů</i>	[ĩ ^ʔ mpũ]	‘homem’	
	<i>imprīm</i>	[ĩ ^ʔ mpřīm]	‘filho’	
	<i>impö</i>	[ĩ ^ʔ mpö]	‘veado’	
<i>nt</i>	<i>intó</i>	[ĩ ^ʔ ntö]	‘olho’	
	<i>njontí</i>	[ɲö ^ʔ nti :]	‘serpente d’água’	
<i>nk</i>	<i>inkó</i>	[ĩ ^ʔ ŋko :]	‘água’	
	<i>inká</i>	[ĩ ^ʔ ŋka]	‘mulher’	
	<i>ankiō</i>	[ã ^ʔ ŋkjo]	‘porco do mato’	
	<i>inkö</i>	[ĩ ^ʔ ŋkō]	‘macaco’	
	<i>inkuschūă</i>	[ĩ ^ʔ ku ^ʔ ʃwă]	‘cachaça’	

Já o *z* representa em alemão [ʦ] (PRÉVOT, 1913; MARTENS e MARTENS 1961):

Nehring	IPA			
<i>z</i>	[ʦ]	<i>zutö</i>	[ʦutö]	‘língua’
		<i>zapé</i>	[ʦa ^ʔ pe :]	‘boca’
		<i>zäkrä</i>	[ʦäkrä]	‘nariz’
		<i>zukré</i>	[ʦu ^ʔ kre :]	‘orelha’
		<i>zätakríta</i>	[ʦäta ^ʔ kri : ta]	‘perna’
		<i>zukiä</i>	[ʦukjä]	‘braço’

A ocorrência de outra africada fica obscurecida pela ocorrência em apenas um caso: *idschütä* ‘anta’; em que a sequência *dsch* pode ser interpretada como [dʒ]. Apesar de que em alemão *sch* é usado para [ʃ], a presença de uma letra que marcaria em alemão uma obstruente sonora, sugere que *d* indica uma fase descontínua e sonora enquanto *sch* indica a fase contínua. Mesmo aceitando que seja essa a correspondência, é importante ressaltar que se trata de única realização sonora entre as obstruintes.

Nehring	IPA			
<i>dsch</i>	[dʒ]	<i>idschütä</i>	[i ^ʔ dʒu : tä]	‘anta’

Para esta palavra, uma hipótese é que a silabificação seja *id.fu : ta*. Segundo D’Angelis (Comunicação Pessoal), “à luz da fonologia de línguas Jê, *in.fu : ta* > [it^ʔʃu : ta]”.

Nas obstruintes também há ocorrência de [s] representado por *c* em *cejoj* ‘borboleta’ e por *ç* em *ançětí* ‘estrela’. Para ‘borboleta’, Barbosa (1918) registra *cióço* (*cio ió ió*), o que confirmaria a equivalência *c* a [s]. Para ‘estrela’, temos em Pohl (1832) *amschiti*; em Saint-Hilaire (1848) *amsiti*; em Kupfer (1857) *anzoti*; em Lemos da Silva (1882) *inchoti*;

²⁰ Tradução livre de: *n In- und Auslaut vor »k« und »x« und »qu«* [...].

e em Barbosa *ançuti*. O uso de *c* e *ç* para marcar *s* no registro realizado por Nehring pode evidenciar a possibilidade de que ele não tenha sido o anotador de todos os itens da lista. Mesmo que o *c* em alemão, com ocorrência somente em empréstimos, também represente [ts], o representante padrão (ou comum) para este último é o *z*. Apesar de lançar mão da comparação entre os registros não tenho evidências para afirmar que a consoante aí seja o [s] ou [ʃ]. Tomarei uma decisão por [s] baseada na possibilidade que pelo menos para esses dois itens se tenha usado da ortografia do português, que, entre outras características, tem grafemas específicos para diferenciar [s] e [ʃ] em posição intervocálica.

Nehring	IPA			
<i>c</i>	[s]	<i>ceojó</i>	[seo'jo]	‘borboleta’
<i>ç</i>	[s]	<i>ançẽtĩ</i>	[ãšẽ'ti:]	‘estrela’

O *sch* está representando [ʃ]:

Nehring	IPA			
<i>sch</i>	[ʃ]	<i>ischoa</i>	[iʃoa]	‘dente’
		<i>ischẽ</i>	[i'ʃe:]	‘arco’
		<i>inkuschũã</i>	[ĩ'ku'ʃwã]	‘cachaça’

As soantes nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ] são representadas, respectivamente, por *m*, *n*, *nj* e *ng*, mas somente *m* e *ng* são encontrados em *coda* de sílaba final. A hipótese de que *m* e *n* são usados para representar a vogal nasal impede que se levantem evidências a respeito da *coda* silábica medial. Minha hipótese para a realização de *nj* como a nasal palatal está baseada na proximidade articulatória de um *n* palatalizado para a nasal palatal. Infelizmente, os dados disponíveis na lista de Nehring não permitem análise aprofundada das nasais, pois, diferente de outras listas, aqui há poucos casos e mesmo a hipótese de vogais nasais fica prejudicada por ausência de dados.

Nehring	IPA			
<i>m</i>	[m]	<i>atóma</i>	[a'to:ma]	‘espingarda’
		<i>imprĩm</i>	[ĩ'mprĩ:m]	‘filho’
<i>n</i>	[n]	<i>nāpiã</i>	[na:'pjã]	‘onça’
		<i>ĩãnnã</i>	[jãnnã]	‘serpente’
		<i>arẽna</i>	[a're:na]	‘tabaco’
<i>nj</i>	[ɲ]	<i>tonjotto</i>	[tõɲõto]	‘catitu’
		<i>njontĩ</i>	[ɲõ'ti:]	‘serpente d’água’
<i>ng</i>	[ŋ]	<i>ĩking</i>	[i:kĩŋ]	‘cabelo’
		<i>kaputũng</i>	[kapu'tũŋ]	‘velho’
		<i>torritũng</i>	[tori'tũŋ]	‘velha’
		<i>tapung pĩã</i>	[tapuŋ'pjã]	‘jacaré’

A soante [r] está representada por *r*. Há um vocábulo que está registrado com *rr*. Em palavras do alemão como *scharrt*, *Warrt*, *narrt*, *surr* e ainda *dort*, *warten*, *Torte*, o valor *r* e *rr* é [R]. Apesar do contexto de *torritung* não ser o mesmo, o mais provável é que esse *r* duplo esteja marcando um som diferente do *r* comum, som próximo a [R].

Nehring	IPA			
<i>r</i>	[r]	<i>zǎkrǎ</i>	[ʈsǎkrǎ]	‘nariz’
		<i>zukturé</i>	[ʈsuˈkre:]	‘orelha’
		<i>zǎtakrǐta</i>	[ʈsǎtaˈkri:ta]	‘perna’
		<i>pūtūra</i>	[pu:tu:ra]	‘lua’
		<i>epórá</i>	[eˈpóra]	‘borduna’
		<i>imprím</i>	[ĩˈmɾim]	‘filho’
		<i>krētót</i>	[kre:tót]	‘sapo’
		<i>aréna</i>	[aˈre:na]	‘tabaco’
<i>rr</i>		<i>torritúng</i>	[torɪˈtũŋ]	‘velha’

O [j], como *onset* de sílaba está representado por *j*.

Nehring	IPA			
<i>j</i>	[j]	<i>jō</i>	[jo:]	‘pedra’

O [j], além do *j*, seria representado por *i* e *ĩ* seguidos por vogal breve. O mesmo tipo de marcação é usado para o [w]: *ũ*. Aqui sugiro que há uma percepção equivocada da duração vocálica, ou seja, o anotador transfere a percepção da vogal longa para o elemento soante que a precede. Os contextos que aponto como realização das soantes [j] e [w] tem por característica uma alternância vogal longa (ou não marcada para breve), seguido de vogal breve, com exceção de *ankiō* em que temos uma sequência vogal sem marcação-vogal longa.

Nehring	IPA			
<i>i</i>	[j]	<i>zukiǎ</i>	[ʈsukjǎ]	‘braço’
		<i>ankiō</i>	[ãˈkjo]	‘porco do mato’
<i>ĩ</i>	[j]	<i>ĩǎnnǎ</i>	[ˈjǎnǎ]	‘serpente’
<i>ĩ</i>	[j]	<i>tapung pǎǎ</i>	[tapũŋ ˈpjǎ]	‘jacaré’
<i>ũ</i>	[w]	<i>pūkūǎ</i>	[puˈkwǎ]	‘céu’
		<i>Kūshhūǎ</i>	[ku:ˈjˈhwǎ]	‘tartaruga’
		<i>inkuschūǎ</i>	[ĩˈkuˈjwǎ]	‘cachaça’

Dos registros do Cayapó do Sul, o de Nehring é o único em que se apresenta marcação de duração vocálica, porém, em parte pela inconsistência do registro e, principalmente, pelo pouco número de dados, não é possível estabelecer se havia em Cayapó do Sul uma duração vocálica fonológica.

Nehring	IPA			
<i>i</i>	[i]	<i>isché</i>	[iʰʃe:]	‘arco’
<i>ī</i>	[i:]	<i>zātakrīta</i>	[ʰsātaʰkri:ta]	‘perna’
<i>e</i>	[e]	<i>tāpe</i>	[ʰta:pe]	‘peixe’
<i>ě</i>	[ě]	<i>ančětí</i>	[āšěti:]	‘estrela’
<i>ē</i>	[e:]	<i>zukuré</i>	[ʰsuʰkre:]	‘orelha’
<i>a</i>	[a]	<i>atōma</i>	[aʰto:ma]	‘espingarda’
<i>ǎ</i>	[ǎ]	<i>zātakrīta</i>	[ʰsātaʰkri:ta]	‘perna’
<i>ā</i>	[a:]	<i>nāpiǎ</i>	[na:ʰpjǎ]	‘onça’
<i>o</i>	[o]	<i>torritúng</i>	[toʰriʰtūŋ]	‘velha’
<i>ō</i>	[ō]	<i>krētōt</i>	[kre:tōt]	‘sapo’
<i>ō</i>	[o:]	<i>jō</i>	[jo:]	‘pedra’
<i>u</i>	[u]	<i>zukuré</i>	[ʰsuʰkre:]	‘orelha’
<i>ū</i>	[u:]	<i>pūtūra</i>	[pu:tu:ra]	‘lua’
<i>ũ</i>	[ũ]	<i>impŭ</i>	[ĩʰmpũ]	‘homem’

Os diacríticos usados por Nehring podem sugerir que ele tenha percebido a nasalidade como duração vocálica. Essa interpretação considera: (a) acusticamente as vogais nasais são mais longas que as vogais orais; (b) a língua alemã faz distinção entre vogais longas e não longas, enquanto não só não faz distinção entre vogais orais e nasais, como também não ocorre espalhamento de nasalidade das consoantes nasais para as vogais. Não proponho que todas as vogais marcadas como longas sejam nasais, mas, sim, que há contextos em que a nasalidade é marcada pelo diacrítico de vogal longa.

Nehring	IPA	
<i>iking</i>	[i:kīŋ] ou [ikīŋ]	‘cabelo’
<i>atōma</i>	[aʰtōma]	‘espingarda’
<i>imprīm</i>	[ĩʰmprīm]	‘filho’
<i>nāpiǎ</i>	[nǎʰpjǎ]	‘onça’
<i>arēna</i>	[aʰrēna]	‘tabaco’

Como exposto, proponho a hipótese de que há em Cayapó do Sul distinção entre vogais orais e nasais e para esse registro umas das formas de marcar as vogais nasais é a presença de um grafema nasal seguindo a vogal.

	<i>im</i>	<i>impŭtě</i>	[ĩʰpu:tě]	‘sol’
[ĩ]	<i>in</i>	<i>intō</i>	[ĩʰntō]	‘olho’
		<i>inkō</i>	[ĩʰŋko:]	‘água’
[ǎ]	<i>an</i>	<i>ankiō</i>	[ǎʰkiō]	‘porco do mato’
[ō]	<i>on</i>	<i>njontí</i>	[ŋōʰti:]	‘serpente d’água’
[ũ]	<i>un</i>	<i>kaputúng</i>	[kapuʰtūŋ]	‘velho’

Alguma evidência morfológica

Parte dos dados registrados por Nehring nos permite identificar, mesmo que precariamente, estruturas morfológicas. Particularmente, aqueles relacionados a partes do corpo:

<i>zutõ</i>	ts-u-to	‘língua’
<i>zapé</i>	ts-a-pe	‘boca’
<i>zãkrã</i>	ts-a-kra	‘nariz’
<i>zukturé</i>	ts-u-kre	‘orelha’
<i>zukiã</i>	ts-u-kja	‘braço’
<i>ischoa</i>	i-foa	‘dente’
<i>intõ</i>	ĩ-’nto	‘olho’
<i>iking</i>	i-kĩŋ ou ã-kĩŋ	‘cabelo’

Nesta segmentação proponho que ocorra um morfema *ts* associado a outro morfema ou morfemas, ou seja, *-a-* e *-u-* exerceriam função diferente nessas palavras. Seguindo a hipótese de que o Cayapó do Sul faz distinção entre vogais orais e nasais, poder-se-ia afirmar que temos dois elementos (morfemas) para as três últimas palavras da lista acima. A vogal oral só estaria ocorrendo em *i-fao*, pois em *iking*, tal como exposto, a duração vocálica estaria representando a nasalidade da vogal. Ao lado de *i-fao* há ainda *i-fe*: ‘arco’, também ocorrendo com *i*.

Para o Apãniekrá, Alves (2004) descreve um morfema *i-* como pronome pessoal prefixado de 1ª pessoa do singular e as formas *i(?)-/h-/ku-/Ø* para a 3ª pessoa. Segundo Alves:

Esse pronomes pessoais ocorrem em Apãniekrá prefixados a um núcleo lexical (nome, verbo, posposição) como possessivo ou ‘sujeito’ do predicado nominal, como ‘sujeito’ de verbos no passado simples, como ‘objeto’ de verbos transitivos e como objeto de posposições. (2004, p. 82)

O morfema *i-* no Cayapó do Sul registrado por Nehring parece exercer a mesma função que *i-* do Apãniekrá, 1ª pessoa do singular. Se *ts* funciona tal como *i-* nestes dados, prefixo pessoal, ele seria o correspondente ao *h* do Apãniekrá.

Já para o Panará,²¹ Dourado (2001) identifica um sistema de posse inerente em que “nomes referentes a bens obrigatoriamente possuídos” são “marcados por prefixos”. Esclarecendo:

Alguns nomes de partes do corpo e alguns nomes de parentesco pertencem à classe de bens inerentemente possuídos. Os nomes inerentemente possuídos são marcados pelos prefixos *s-*, *ĩ-*, *Ø-*, que fazem referência a um possuidor ainda que indefinido e se opõem paradigmaticamente aos prefixos *y-*, *Ø-* e **assimilação** da vogal inicial do tema possuído [...], isto é, são os já citados prefixos relacionais de contigüidade e não contigüidade (Rodrigues 1981, 1990), respectivamente. (DOURADO, 2001, p. 76)

O *i* (ou *ĩ*) do Cayapó do Sul e *ts* podem ser associados aos “prefixos que fazem referência a um possuidor”, porém não é possível, a partir dos dados, afirmar que estes estejam desempenhando a mesma função.

²¹ Heelas (1979), Schwartzmann (1987), Rodrigues e Dourado (1993), Dourado (2001, 2004) e Giralдин (1997) defendem a hipótese de que Panará e Cayapó do Sul são a mesma língua. A proposta desta pesquisa é analisar essa hipótese, partindo de um tratamento adequado das listas de palavras do Cayapó do Sul para depois realizar a análise comparativa tanto com a língua Panará quanto com outras línguas Jê.

Considerações finais

A análise de uma língua, considerando todos os seus aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos, entre outros, é apenas um retrato de determinado momento. Tal como ocorre para as línguas com tradição de escrita, a ortografia é o registro de um momento anterior da língua, visto que a escrita não acompanha as mudanças ocorridas no sistema linguístico em questão. Listas de palavras têm por característica ser também um retrato de determinado momento de uma língua, só que diferente daquelas em que se encontra amplo registro, listas como a de Nehring são como um retrato desfocado, em que as formas são adivinhadas. O trabalho linguístico deixa de ser descritivo, em se pode demonstrar com os dados a estrutura de um língua, e passa a ser especulativo. Na maioria dos casos, não há dados para comprovar as hipóteses.

Por que então trabalhar com listas de palavras?

No Brasil colonial, pouca atenção se deu às línguas indígenas (o mesmo descaso se reproduziu em todo o continente americano). Para as línguas que eram faladas nos sertões, interior do Brasil, os primeiros registros existentes são do início do século XIX, quando se abriu os portos brasileiros a outras nações europeias, aproximadamente 300 anos após a chegada dos portugueses. Essas informações, em sua maioria, eram de naturalistas que em viagens para catalogarem a fauna e a flora adentravam território indígena e os seus habitantes não passavam de mais informação sobre a natureza do local. Porém, para muitas línguas indígenas, as listas de palavras são as únicas informações existentes hoje em dia, tudo o que se sabe sobre elas. Se propor a analisar esse material é tentar fazer com que algumas peças do quebra-cabeça se encaixem e assim se tenha uma visão um pouco menos confusa do imenso caleidoscópio linguístico existente.

Buscar o encaixe das peças é tentar demonstrar, por exemplo, que nesse registro as consoantes [t̃s] e [ʃ] parecem manter uma relação em que a primeira só ocorre no início de palavras, enquanto a segunda só ocorre em sílaba medial. Apesar de provável, pela semelhança fonética, não há como comprovar uma relação destes com [s], que ocorre tanto no início quanto em sílaba medial, mas somente com [e]. No caso do registro de Nehring, [e] não longo. Ainda é possível tentar relacionar *š*, representação *ad hoc* para *sh*, como também participando desta relação. A resolução para esta situação poderia ser encontrada se levantássemos a hipótese de que o Cayapó do Sul tem uma oposição primeira entre obstruintes e soantes, em que nestas classes não há oposição quanto ao caráter contínuo, ou seja, há somente obstruintes (descontínuas), soantes nasais e soantes orais. Assim, ao menos para [t̃s] e [ʃ], e mesmo sem comprovação, para [s], seria mais adequado afirmar que são realizações de uma obstruinte descontínua /t̃s/. Se esta hipótese estiver correta, seria correto interpretar também a palavra *ançēti* como /ãⁿt̃seti/, ou seja, aí também ocorreria processo de nasalização de obstruintes.

Por fim, o estudo desta e das demais listas de palavras do Cayapó do Sul faz parte de um projeto maior: analisar, questionar, procurar evidências para a hipótese de que Cayapó do Sul e Panará são a mesma língua. Para esse propósito existe a necessidade de dar um tratamento adequado às listas de palavras existentes da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul e também tentar esgotar a ampla pesquisa documental realizada por Odair Giralдин, que resultou na sua dissertação de mestrado e também na ‘descoberta’ de mais duas listas de palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. C. *O Timbira falado pelo Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ARAÚJO, B. A. C. *Análise do Wörterbuch der Botokudensprache*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ATAÍDES, J. M. de. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia: Editora UCG, 1998. 187 p.

BARBOSA, A. S. *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1918.

CHRISTINO, B. P. *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, L. S. da. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: contribuição para os estudos sobre ergatividade em Línguas jê*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, Belém.

D'ANGELIS, Wilmar R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2 vols.

DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. As Vicissitudes do Povo Panará e a sua Língua. In: Encontro nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social, II, 2002, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2004. p. 172-178.

EHRENREICH, P. Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, t. VIII, p. 3-55, 1892.

_____. Materialien Zur Sprachkunde Brasiliens. *Zeitschrift fur Ethnologie*, Berlim, n. 26, p. 115-137, 1894.

FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: pelas províncias de São Paulo, Mato Grosso e Grão Pará (1825-1829)*. 1977. Tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence. São Paulo: MASP.

GIRALDIN, O. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central*. Campinas: Editora Unicamp, 1997. 197 p.

GRANNIER RODRIGUES, D. M. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 86 p.

HALL, J.; MCLEOD, R.; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário: Xavante-Português, Português-Xavante*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.

- HEELAS, R. *The social organization of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil*. 1979. Thesis (Ph.D. in Philosophy). University of Oxford, Oxford.
- KARASCH, M. Catequese e cativo: política indigenista em Goiás, 1780-1889. In: CUNHA, M.C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 397-412.
- KUPFER, Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 5, p. 244-254, 1870.
- LEMONS DA SILVA, J. *Os índios Cayapós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1882.
- LOWIE, Robert. The Southern Cayapó. In: STEWARD, J. H. (Ed.) *Handbook of south Americans Indians*. New York: Cooper Square Publishers Inc., 1946. v. I. P. 519-520.
- MARTENS, C.; MARTENS, P. *Phonetik der Deutschen Sprache: praktische Aussprachelehre*. München: Max Hueber Verlag, 1961.
- MARTIUS, C.F P. von. *Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen [Glossarium linguarum Brasiliensium]*: Glossários de diversas línguas e dialetos, que fallao os Índios no imperio do Brazil. Erlangen: Druck Von Junge & Sohn, 1867. 548 p.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Os Gorotire. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. VI, p. 427-53, 1952. Nova série.
- POHL, John Emmanuel. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhöchsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832.
- PRÉVOT, J. *Nova Gramática Alemã: Teoria e Prática*. Lisboa: Heidelberg, 1913.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, W. R. M.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.) *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 162-206.
- _____.; DOURADO, L. Panará: identificação linguística dos Kren-Akarore com os Cayapó do Sul. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 45, 1993, Recife. *Anais...* Recife: SBPC, 1993. v. 2. p. 505.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz*. Paris: A. Bertrand, 1848.
- SCHADEN, E. Os primitivos habitantes do Estado de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 18, p. 396-411, 1954.
- SCHWARTZMANN, S. *The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society*. 1987. Thesis (Ph.D. in Philosophy). University of Chicago, Chicago.
- VASCONCELOS, E. A. Estudo Preliminar do Cayapó do Sul. In: BRAGGIO, S. L. B.; FILHO, S. M. de S. (Orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Goiânia: Vieira, 2009a. p. 313-328.
- _____. Sobre a Lista de palavras Cayapó do Sul de São José das Mossâmedes. *Revista Sínteses*, Campinas, v. 14, p. 405-423. 2009b.